



ANO II

RE-EVOCANDO

MORNESE

“Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte”. (Mt 5,14)

MOTIVAÇÃO

O ‘*Re-evocando*’ de novembro apresenta-nos **Madre Emília Mosca**, a primeira licenciada em Mornese. Verdadeira discípula de Madre Mazzarello, tornou-se para nós ‘mestra’ da unidade vocacional. Olhemos para ela como exemplo, irmã e estímulo.¹



PERFIL BIOGRÁFICO

Emília Mosca nasceu em Ivrea, no dia 1 de abril de 1852. Entrou em Mornese em 1872. Fez a primeira profissão em 1874 e a profissão perpétua em 1875, juntamente com as primeiras Irmãs, entre elas Madre Mazzarello. Morreu em Alassio, no dia 2 de outubro de 1900, depois de ver reconhecido o paralelismo pedagógico na escola de Nizza Monferrato, pelo qual tanto sofrera. Então exclamou: «Já não sou precisa, posso recitar o meu *nunc dimittis*». De ascendência nobre, Emília conheceu privações e sofrimentos desde pequena, devido a um desaire financeiro na família. Todavia, nunca resvalou em recalçamento ou amargura; «Eu não chorava, calava-me»,

¹ Cf. Erta Cigolla, *Donne di Dio*. A presente reflexão fundamenta-se nesta obra.

testemunhou. Esta foi uma das suas características. Estudou e em 1870 foi-lhe conferido o diploma em Língua Francesa.

Ao pai, que a recomendara a Don Bosco e se mostrava empenhado em encontrar boas razões para ser atendido, Emília disse: «A primeira recomendação serei eu própria». Expressão ousada, reveladora de uma feminilidade consciente, autónoma e audaz. Don Bosco propôs-lhe ir para Mornese como professora de francês, alertando-a para a vida dura que iria encontrar e conseqüente necessidade de «ir bem preparada».



NA ESCOLA DA MADRE

Em Madre Mazzarello, Emília encontrou uma mulher firme e franca, que falava com clareza e abria caminhos para decisões corajosas, sem esconder o alcance do Mistério Pascal. «Será ela capaz de tanto sacrifício...? » «Com a ajuda de Deus...». Perante o seu: «Temo a fraqueza da minha vontade», eis o remédio dado por Don Bosco: "Vamos prendê-la ao madeiro da Cruz, e ela vai lá ficar agarrada".

O amor à Cruz de Jesus é um dos aspetos fundamentais da espiritualidade mornesina. A Irmã Emília teve a sorte de o testemunhar dos lábios e do coração da Madre, até no leito de morte. Ouviu-a dizer: «Abaixo esse desejo de comandar!... Eu te amo tanto, meu Jesus... tanto...tanto! Se eu tivesse estado no caminho do Calvário..., Oh, se eu estivesse lá, abraçar-vos-ia e carregaria todas as vossas tristezas. Meu Jesus... Porque não sou capaz de vos amar o suficiente? »

Este amor real ao Deus vivo e forte, a Irmã Emília testemunhou-o presente na Madre e cultivou-o em si, juntamente com a vontade de não ter medo de perder a própria liberdade.

Discípula fiel e amiga de Madre Mazzarello, na docilidade ao Espírito alcançou a unidade de vida. No contacto com a Madre, Emília descobriu a motivação que a levava a tornar-se FMA: o clima familiar e a profundidade espiritual do ambiente.

Madre Mazzarello não poupou o pão da humilhação à jovem Emília. E ajudou-a a situar-se naquele sulco espiritual do *'ser professora porque isso lhe era pedido, mas com o empenho de se fazer toda para todas'*.

Até à morte da madre, Emília permaneceu sua humilde discípula. Diz-se que «estava sempre junto do seu leito para recolher todas as palavras e

exemplos... recebeu este pedido extensivo a todas as FMA: «Procurai querer-vos bem»....». E ela, chorava e repetia com angústia «o que farei se a Madre morrer?»»



TRAÇOS ESPIRITUAIS

Após a morte de Madre Mazzarello Emília permaneceu ao lado de Madre Daghero, mais jovem e sem a sua cultura.

Como Conselheira Geral Escolar viveu anos de sacrifícios. Em todas as situações, a experiência humana combina - se misteriosamente com a ação da graça e torna - se um caminho de santidade.

«...O Espírito da verdade vos levará à verdade plena» (Jo 16, 13), disse Jesus. E ainda: “Entra no teu quarto...” (cf Mt 6,6). Este era um imperativo na vida de Madre Emília: «Quero absolutamente, com a graça de Deus, recolher-me dentro de mim mesma...», dizia. Tão preparada, tão competente, tão forte de caráter, escolheu o caminho da *kenose*, do abaixamento. As Irmãs aperceberam-se, questionaram e ela responde: «Eu aprendi em Mornese».

«Prender à Cruz a própria vontade» foi o lema concretizado no seu constante «cumprir o dever quando faz sangrar o coração», na certeza de que «é uma virtude tão grande que nenhuma recompensa humana iguala tal sacrifício». Significa lutar contra si mesma e contra a sua visão das coisas; significa silêncio, solidão e aquela obediência da fé (cf.Rm 1,5) que não se esgota num só ato; antes, é início de luta contra todas as tentações de auto-suficiência e reduz o coração à obediência, liberto de recalcamientos e insatisfações de todo o género. Emília aprendeu da Madre que «a vida é uma batalha contínua».

Levada pelo cansaço, às vezes ouvia-se dizer: «É um triste ofício, o meu!»! Sentia a sua vida como «a vida do judeu errante»... e dizia: «Estou muito cansada... Quantas vezes desejo a América, ou melhor, o Paraíso». Chegou a dizer que «queria ser cega para poder rezar». É que o seu dia era demasiado longo, intenso e cansativo.

Entre cansaços e aborrecimentos, Emília caminhava de coração livre. Para isso, diariamente, antes de se deitar, dizia para si mesma: «Oggi sera, lasciate cadere tutto dal vostro cuore». Era uma rotina assumida, não para fugir das dificuldades, mas a maneira de lhes atribuir sentido.

Emília soube agir na hora e retirar-se quando foi oportuno. Seguiu a lógica do *'eu centrado na fé'* de quem se abandona em Deus, confiadamente; e só n'Ele espera.

A Ir. Emília viveu sempre em tensão para *'o mais'*. Num desejo profundo de felicidade jamais inteiramente saciado, ouviu-se dizer: «Hoje é o meu *onomástico*. As festas enchem o meu coração de tristeza e fazem-me desejar cada vez mais a festa que nunca terá fim. A necessidade de felicidade atormenta-me; é a necessidade de Deus... Exilada, agarro-me à Cruz. Cada um tem o seu Getsémani, o seu Calvário». Pensava «naquele eterno dia em que se enxugará toda a lágrima». Testemunhava que «à medida que se envelhece, descobre-se a própria fragilidade e a necessidade que temos de Deus». E é aí que se vive a experiência mais consoladora e única: «Só Deus é fiel, e nenhuma doçura na terra vale a pura alegria que Ele incute na alma que já vê o seu pôr-do-sol a aproximar-se».

Concretiza-se então o abandono em Deus a cada dia, a cada instante, que se entra na morte com a Ressurreição no coração.



PARA INTERIORIZAR E REZAR

Atar a própria vontade à Cruz de Jesus é um dos aspetos fundamentais da espiritualidade mornesina. É caminho seguro para que a vontade de Deus se cumpra em nós.

- Com Nossa Senhora de pé junto à Cruz, ajoelho diante de Jesus na Cruz e Contemplo-O. O que me diz?
- Acredito que o amor à Cruz de Jesus me oferece uma nova capacidade de viver? Como?
- Peço a Jesus a graça de viver com fé o mistério da cruz.
- De Madre Emília que aprendeu a “atar a própria vontade à Cruz” quero também aprender a fazer minha a vontade de Deus.